

ISIDORO DE SEVILHA E SUA CONTRIBUIÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA ESPANHA VISIGÓTICA

Andréia Savergnini (UFRJ)

Como resultado do incentivo e aperfeiçoamento no uso de fontes desenvolvido pelo Programa de Estudos Medievais da UFRJ, o presente trabalho constitui um estudo crítico da obra intitulada *História dos Godos*, produzida no século VII por Isidoro de Sevilha.

Dela nos serviremos para análise de aspectos da ideologia política isidoriana. De modo que estaremos voltados para Isidoro de Sevilha enquanto um clérigo preocupado com as questões de âmbito político. E, que com o propósito de expandir e consolidar o domínio eclesiástico em toda a Península Ibérica, encontra-se assim envolvido em um processo de afirmação do poder régio, como veremos no decorrer de nosso estudo.

Com a penetração dos chamados povos bárbaros na porção ocidental do Império Romano, observamos o surgimento de uma nova organização político-territorial. O antigo poder que dominava toda esta região, unificando e identificando-a como parte de uma única e grande instituição passa a ser substituída com o aparecimento de uma pluralidade de reinos germânicos.

Nesta nova realidade, com a perda da mencionada unidade e a necessidade dos novos reinos em se reafirmarem como tal, o que teremos é o desenrolar de um processo de hegemonização e controle de cada reino em seu espaço territorial.

É assim, que veremos este fenômeno se manifestar no reino Visigodo, onde o desejo de fundamentação frente a Bizâncio e a outros reinos recém-constituídos levou ao aparecimento de um projeto político. Este elaborado por Leovigildo, e dado continuidade por monarcas posteriores fez com que o reino atingisse uma relativa homogeneidade étnica, cultural, administrativa e territorial, como nos coloca Garcia Moreno em seu celebre trabalho *História de España Visigoda*. (GARCIA MORENO, 1989: 111)

Mas, o grande passo neste sentido somente foi possível com a incorporação da Igreja no campo político, após o reconhecimento da ortodoxia como fé oficial do reino. Com isso, a realeza goda conseguiu o apoio necessário para a sua legitimação, além de atingir uma coesão interna com a aproximação entre hispano-romanos e visigodos, implicando em mais uma vantagem política, com a integração entre os grupos dirigentes do reino.

Desta forma, a unidade religiosa mostrou-se um importante elemento no processo que culminou na unidade social e política. Esta, somada à consolidação territorial e à base ideológica formulada pela Igreja no constante reforço do poder real, levou ao aparecimento de características essenciais que fundamentaram a chamada Espanha Visigótica.

É em meio a este processo, como um grande colaborador na constituição desta Espanha no século VII, que buscaremos introduzir Isidoro de Sevilha em nossa análise.

Nascido em meados do século VI, Isidoro de Sevilha seguiu os passos de seu irmão e educador Leandro, tornando-se bispo de Toledo no início do século seguinte. E, assim como seu irmão havia agido de forma significativa para a constituição da monarquia católica, também Isidoro substituindo-o como metropolitano, se envolverá nos assuntos seculares. Sua participação pode ser vista em vários momentos, como na organização legislativa ao contribuir com seus conhecimentos sobre o Direito Romano, no aconselhamento real e na sistemática da eleição monárquica. Esta última, alcançada com realização do IV Concílio Toledano, que preparado por Isidoro, apresentou assim um caráter claramente normativo, o que o levou a ser reconhecido por historiadores como Orlandis, como o responsável pela a consolidação do Reino Visigodo católico, revestindo ao mesmo tempo com extraordinária transcendência, tanto a ordem eclesiástica, como a política. (ORLANDIS, 1986: 262)

Tal evento, que se mostrou tão marcante na História do reino, deve ser visto como o resultado de esforços feitos anteriormente por Isidoro, que apresentando definidos propósitos, os deixa transparecer em seus vários escritos, como veremos em *História dos Godos*.

Produzida em forma de crônica, *História dos Godos* é na verdade parte de uma narrativa mais ampla, que relata as penetrações bárbaras, descrevendo os povos invasores suevos, vândalos e visigodos em suas movimentações dentro do antigo espaço imperial. Nela temos uma extensão da história gótica, que pode ser explicada pela condição histórica de seu povo que lhes permitiu a constituição de um reino duradouro, concebido por Isidoro como um império estabelecido em Espanha.

Podemos ainda acrescentar, que a *História dos reis godos, suevos e vândalos* (ISMAEL QUILES, 76) mostra-se uma história da Península Ibérica e que elaborada de modo que não se apresente sujeita a crônica imperial (AGUADO BLEYE, p. 20) quer na realidade forjar uma identificação de todos seus habitantes com um território não mais dominado pelo Império Romano, mas pelo “florescente povo dos godos”. (RODRÍGUEZ ALONSO, 1975, Prefácio)

Embora não tenhamos como dizer com precisão o ano exato do início de sua elaboração, podemos datá-la como iniciada durante o reinado de Sisebuto (612-621). Conclusão a que chegamos a partir de esclarecimentos feitos com a leitura de Díaz y Díaz, autor que nos falará do impulso dado por esse rei para a compilação de tal obra, além da verificação de que neste reinado pode se identificar uma Espanha mergulhada em um ambiente marcado pelo o que ele denomina por exaltação patriótica. (DÍAZ Y DÍAZ, 1976: 145-146)

Ao trabalharmos com esta obra devemos ressaltar que consultamos duas de suas versões, fazendo ainda um corte temático, onde só nos preocupamos com a história referente aos visigodos. Tivemos, assim, em mãos, a primeira edição terminada em 615 e outra que com pequenas mudanças e uma ampliação no aspecto temporal se encerra em 624, já registrando mais dois reinados, o de Recaredo II e de Suintila. Uma das explicações encontradas para esta outra versão nos é dada por Vazquez de Parga que nos fala do desejo de Isidoro em manter sua obra atualizada, assim como pressões reais para que a história nacional reflita o contemporâneo (*Idem, ibidem*, p. 146). É desta forma, que podemos ainda explicar a existência de um suplemento dedicado ao rei Sisenando¹ e uma continuação desta obra isidoriana com informações sobre os reinados de monarcas até Wamba.²

Escrita, como já mencionado, em um momento de intenso esforço no sentido do fortalecimento do poder real, temos em consequência disso a consolidação da Espanha naquilo que Garcia Moreno denomina de Espanha Visigoda.

Buscando, então, identificar estes aspectos que contribuíram para a formulação de uma política preocupada com a consolidação do reino, dentro de nossa obra em questão, que daremos continuidade ao trabalho.

UMA NOVA VISÃO DOS FATOS

Ao recorrer a variadas fontes na narração de acontecimentos passados, Isidoro faz de sua obra uma leitura interessante, como nos adverte Guerras Sonsoles (1994: 74) em um de seus trabalhos.

A partir desta observação constatamos que nem sempre tais acontecimentos são descritos na crônica, da mesma forma que em suas fontes. Embora, Isidoro tenha declarado ter usa-

¹ Suplemento denominado *Dedicatio historiarum*, por Mommsen, mas que segundo Díaz y Díaz (1976: 146) é questionada por Cristóbal RODRÍGUEZ ALONSO (1975: 24 sgs.) sua atribuição a Isidoro.

do escritos de autores como: Eutrópio, Órosio, Próspero, Juan de Bícilaro, entre outros, nem sempre compartilhou com esses de suas interpretações, fato que podemos exemplificar com a narração de Idácio, que nos fala das invasões com horror, descrevendo os reis bárbaros como cruéis e astutos.

Ainda que usando das informações de Idácio, temos com Isidoro uma visão diferente, os godos invasores são elogiados por sua grandeza em seus combates, por serem notáveis na arte da guerra ao usarem lanças, dardos, cavalos, por arrebatarem do Império romano a Espanha. Seus reis são apontados por Isidoro não como homens sem virtudes. Assim, ainda que assinalando uma grande mortandade causada com a invasão de Roma em 410, nos fala da grande clemência do rei invasor para com aqueles romanos que se mostrassem confiantes em Cristo e nos santos. (RODRÍGUEZ ALONSO, 1975: 15)

Desta forma, identificamos uma nova concepção histórica, que realça o propósito do autor em construir uma história que favoreça ao domínio visigodo no território por eles conquistado.

O FORTALECIMENTO DA IDENTIFICAÇÃO GENTÍLICA

Em seu trabalho, Isidoro, ainda contribui nos contornos étnicos do gótico. Identificando os godos, em mais de uma passagem como tendo uma origem comum com os escitas (RODRÍGUEZ ALONSO, 1975: 1, 17, 66), Isidoro, como nos afirma Garcia Moreno pautado nos estudos de Hans J. Diesner, conferiu em sua obra uma legitimidade genealógica e inclusive cronológica ao reino visigodo (GARCIA MORENO, 1989: 317). Isso, visto que os escitas já haviam sido narrados por sua qualidade de valor e justiça pela antiga historiografia greco-romana, o que equiparou os godos ao Império Romano, os colocando ainda acima de outros povos bárbaros.

Desta forma, também associando a Espanha ao império constituído a partir dos vários reinados godos, Isidoro mais uma vez contribui para que esta surgisse entre a população, nascendo daí o que Garcia Moreno menciona como protonacionalismo, identificado por este a partir do caráter visigodo de todos seus habitantes (*Idem*, p. 319).

² Denominado como *Subscriptio Reccesuindiana*. In: DÍAZ Y DÍAZ, 1976:150.

LEGITIMAÇÃO DO DOMÍNIO GÓTICO

Com o intuito de alicerçar a total independência do reino Visigodo frente ao poder imperial, Garcia Moreno nos fala da busca pela concepção gentil-patrimonial do reino e a velha noção helenística do direito de conquista (*Idem*, p. 317). Estratégias que podem ser identificadas em passagens da obra de Isidoro, no qual este fundamentou a soberania visigoda nas vitórias alcançadas pelos antepassados dos reis toledanos sobre os imperadores romanos. Desta forma podemos ilustrar tais intenções nas citações a seguir.

Referindo-se à conquista goda da Espanha sobre os romanos, diz:

(...) e ainda que o valor romano, vencedor, se desposou contigo, ao fim o florescente povo godo, depois de haver alcançado muitos troféus, te arrebatou e te amou e goza de ti (...) (RODRÍGUEZ ALONSO, 1975: Prefácio)

Sobre a invasão de Roma, narra:

(...) marchando a Itália para vingar a sangue dos seus, a invade e, após um ataque, toma a cidade. Deste modo Roma foi destruída (...) (*Idem*, p. 15)

E, por fim nos fala em sua Recapitulação, ainda se referindo a vitória goda sobre Roma, que:

Foi tanta a grandeza de seus combates e tão excelentes o valor de sua gloriosa vitória, que a própria Roma, a vencedora de todos os povos, sucumbiu ante seus triunfos, submetida ao julgo da escravidão, Roma, a senhora de todas as nações, passou a ser escrava a seu serviço (*Idem*, p. 67).

Desta forma, Isidoro encerra sua narração, mais uma vez fixando que assim como Roma havia conquistado o Mundo graças a suas vitórias sobre outros povos, o reino visigodo, ao vencê-la e conquista-la, havia herdado o direito de governo sobre a antiga terra subjugada por Roma anteriormente (GARCIA MORENO, 1989: 317).

O MODELO DE REALEZA

A consolidação do reino visigodo, não poderia ser concluída sem a organização monárquica. Ainda que esta somente venha a ser efetivamente realizada com o IV Concílio Toledano, devemos ressaltar que já na análise de nossa fonte nos deparamos com formulações neste sentido.

Desta forma em *De origem gothorum*,³ temos a exaltação daquilo que se reconheceria como o ideal de monarca. Descrevendo então a trajetória dos reis godos, Isidoro exalta as virtudes daqueles que atingiram ou chegaram bem próximos da perfeição real.

Podemos então ao ler esta obra perceber o quanto seu autor recorre aos conceitos da tradição romano-cristã para apontar as qualidades reais. Acrescentando à monarquia militar já característica dos povos germanos, uma face sagrada, Isidoro baseia-se assim largamente no modelo bíblico. Fusão que pode ser vista com a narração do reinado de Siuntila. Nela Isidoro exalta o triunfo deste rei ao conseguir expandir seu poder monárquico sobre todo o território peninsular, a partir de suas campanhas militares sob os povos vascões, não deixando é claro, de esclarecer que se este tomou o cetro o fez pela graça de Deus.

A partir desta concepção de rei, que é visto como governador delegado de Deus, Isidoro ainda nos fala que Siuntila:

(...) tinha muitíssimas virtudes próprias da majestade real: fidelidade, prudência, habilidade, exame extremado nos juízos, atenção fundamental ao governo do reino, munificência para com todos, generosidade para com os pobres e necessitados, pronta disposição para o perdão (RODRÍGUEZ ALONSO, 1975: 64).

Características das quais podemos ressaltar duas de extrema importância: justiça e perdão. Virtudes que para Isidoro dariam ao rei a possibilidade de cumprirem seu objetivo último, a garantia da saúde coletiva, com nos adverte King (1981: 49). Saúde suprema que era entendida como o estado de pureza e graça de um cristão que conseguiria assim sua salvação. Desta forma o rei era reconhecido, segundo o propósito da Igreja, como o responsável pelo bem-estar de seus súditos, permitindo nos afirmar em resumo, que em todos os aspectos de sua gestão o rei era dirigido por princípios e dogmas da religião cristã (*Idem*, p. 59).

Visto todo o esforço de Isidoro de Sevilha para a elaboração desta obra que visa a consolidação do Reino, a partir de sua insistência no surgimento de uma identificação de todos com um reino que apresentasse um poder monárquico organizado e efetivo, buscamos frisar ao fim deste estudo, a razão que motivou a Igreja, representada aqui por Isidoro, a se envolver em tal projeto. Intenção que se aclara, na medida em que vemos uma Igreja que procura de todas as formas consolidar uma monarquia a serviço de Deus, logo a seu serviço, lhes permitindo obter bases para seu domínio em toda a Península, a ponto de construir um Reino Católico identificado aqui como o Reino Visigodo.

³ Expressão utilizada por Adeline Rucquoi em sua obra *História Medieval da Península Ibérica*. p. 48, para denominar a obra "História dos godos".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUADO BLEYE, Pedro. *Manual da História de Espanha*.
- DÍAZ Y DÍAZ, C. Manuel. *De Isidoro al siglo XI: ocho estudios sobre la vida literaria peninsular*. Barcelona: El Albir, 1976.
- GARCIA MORENO, Luis A. *Historia de España Visigoda*. Madrid: Cátedra, 1989.
- GUERRAS SONSOLES, Maria. *A Monarquia Visigoda: Romanismo e Germanismo*. Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Anais da XV reunião. Rio de Janeiro, 1995.
- ISMAEL QUILES, S. I. *História dos reis godos, suevos e vândalos*.
- KING, P. D. *Derecho y sociedad en el reino visigodo*. Madrid: Alianza Editorial, 1981.
- ORLANDIS, José & RAMOS-LISSON, Domingo. *Historias de los Concilios de la España Romana y visigoda*. Pamplona: Universidad de Navarra, 1986.
- RODRÍGUEZ ALONSO, Cristóbal. *Las Historias de los godos, vándalos y suevos de Isidoro de Sevilla*. Estudio, edición crítica y traducción por... León: Centro de Estudios e investigación "San Isidoro". Arquicho Historico diocesano. Kaja de Ahorros y Monte de Piedade de León, 1975.